

## **Fórum quer ampliar agenda de lutas da Reforma Agrária**

**Aproximar luta pela terra com os temas do acesso aos recursos naturais e da adoção de padrões sustentáveis de desenvolvimento é um dos objetivos do encontro inédito que reúne representantes de mais de 70 países na cidade espanhola**

*Marco Aurélio Weissheimer e Maurício Thuswól<sup>1</sup> - Agencia Carta Maior  
5 de diciembre de 2004*

**Valência** – A idéia de realizar um Fórum Mundial sobre a Reforma Agrária nasceu em janeiro de 2003, durante a terceira edição do Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. De lá para cá, organizações do mundo inteiro empenharam-se em tornar realidade o projeto que se concretiza agora na cidade de Valência, Espanha, que está recebendo, de 5 a 8 de dezembro, cerca de 600 delegados de mais de 70 países, para discutir o lugar da reforma agrária na agenda política internacional.

Durante quatro dias, eles participarão de 4 conferências plenárias, 25 oficinas e 7 oficinas autogestionadas. Entre os conferencistas, estarão, o ministro brasileiro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto, o fundador da Confederação Campesina da França, José Bové, o egípcio Samir Amin (do Fórum para o Terceiro Mundo), Francisca Rodríguez, fundadora da Via Campesina e militante da reforma agrária desde os anos 60 e Jacques Chonchol, ex-ministro da Agricultura do governo de Salvador Allende, entre outros.

Segundo Vicent Garcés, coordenador do Comitê Internacional Organizador do Fórum, um dos principais objetivos do evento é tornar mais visível o processo de lutas pela terra e pelo uso sustentável de recursos naturais no mundo, no início do século XXI. “No fim do século XX, a idéia original de reforma agrária desapareceu em função dos desdobramentos sociais e econômicos provocados pela hegemonia do modelo neoliberal. Precisamos, agora, criar um novo patamar de luta que articule de modo mais orgânico todas as organizações e movimentos que lutam pela mudança da atual estrutura agrária, a partir dessa nova realidade”, propôs Garcés.

Mas não se trata apenas de uma questão de visibilidade. A própria idéia de reforma agrária sofreu um deslocamento político nas últimas décadas. Nas décadas subsequentes à Segunda Grande Guerra Mundial, um grande número de países pobres e em desenvolvimento experimentaram processos de reformas em suas estruturas agrárias. A América Latina foi um território rico neste tipo de experiência, que, na maior parte das vezes, veio acompanhada por formas violentas de enfrentamento social. México, Chile e Brasil foram alguns dos países que viveram essas tentativas de mudar modelos agrários baseados na concentração de terras e em uma agricultura voltada para a exportação. Esse quadro perdurou até meados dos anos 70, quando algo novo aconteceu.

---

<sup>1</sup> Cobertura jornalística realizada com apoio do Ministério do Desenvolvimento Agrário do Brasil

## **Novo cenário, novas lutas**

A partir dos anos 80 e 90, principalmente, uma nova realidade passou a caracterizar a luta por mudanças na estrutura agrária. Os princípios básicos daquilo que passou a ser denominado de modelo neoliberal passaram a caracterizar também as lutas sociais no campo. O avanço das idéias de privatização, da necessidade de um Estado mínimo e da desregulamentação da economia, entre outras, esteve associado ao surgimento de novos agentes econômicos e sociais no campo. As tradicionais figuras dos latifundiários e dos coronéis de terra começaram a dar lugar a uma nova personagem: a do empresário rural, defensor da modernização tecnológica da produção e da introdução das técnicas do mercado na organização da atividade econômica rural.

Esse novo período teve conseqüências no modo de organização da produção agrícola e na própria configuração das lutas sociais no campo. O mundo já não era mais o mesmo, tanto no meio urbano quanto no rural. Começaram a surgir, observa Garcés, os mercados da terra e da água, organizados de uma forma inédita até então. A partir da constatação do surgimento desse novo cenário, os agentes envolvidos no debate e na luta pela necessidade de implementação de processos de reforma agrária no mundo deram-se conta de que era preciso reposicionar o tema na agenda política internacional. E esse reposicionamento, percebeu-se, exigia um outro olhar sobre a natureza da nova realidade econômica e dos novos agentes sociais decorrentes dela.

## **A atualidade da reforma agrária**

O que não mudou foi a percepção de que a reforma agrária permanece sendo uma luta urgente e necessária. A fome e a desigualdade de acesso e manejo de recursos naturais permanece sendo uma realidade com graves conseqüências para a paz mundial. Sociólogo e coordenador da Secretaria Técnica do Fórum Mundial de Reforma Agrária (FMRA), Pep Pérez, observou, em artigo publicado no jornal *El País* (30.11.2004), que nos últimos 50 anos a produção mundial de alimentos aumentou de forma vertiginosa, acima da taxa de crescimento da população mundial. Entre 1990 e 1997, por exemplo, a produção per capita de alimentos aumentou cerca de 25%. No entanto, ao mesmo tempo em que isso ocorria, cerca de 830 milhões de pessoas passavam fome no mundo.

Esses números, por si só, já seriam motivo de alarme. Mas a situação é ainda mais preocupante. Além das centenas de milhões de pessoas que passam fome, ou seja, não tem o que comer, cerca de 1,2 bilhão vivem em uma situação de extrema pobreza, comendo o mínimo para permanecerem vivas no dia seguinte. Cerca de 70% dessas pessoas que sobrevivem com menos de um dólar por dia são mulheres e possuem cerca de 1% das propriedades de terra disponíveis no planeta. Isto é, como destaca corretamente Pep Pérez, essa pobreza é fundamentalmente feminina e ligada à terra. Segundo esses números, 3 de cada 4 pobres no mundo moram na zona rural, sobrevivendo em precárias condições.

## **A necessidade de uma nova agenda**

Entre os 25% restantes, a maioria é de origem camponesa e foi engrossar, através do processo de êxodo rural, os cinturões de miséria em cidades de todo o mundo. Nada

disso é, exatamente, novidade. O que é novidade é que, a partir do processo desencadeado pelo Fórum Social Mundial, organizações camponesas e movimentos sociais do mundo inteiro passaram a entrar em contato e conhecer realidades que lhe eram estranhas. A fragmentação e dispersão desses movimentos e dessas lutas foi um dos subprodutos da nova realidade que passou a caracterizar a vida econômica no campo. Os princípios da soberania alimentar, da agricultura ecológica e o debate sobre modelos alternativos de produção começaram, então, a delinear os traços de uma nova agenda.

E é justamente a constituição dessa nova agenda que será um dos principais temas em debate em Valência. Uma agenda que recusa a proposta de uma reforma agrária de mercado, conforme o figurino proposto por instituições como o Banco Mundial, que coloca forte ênfase no tema da abertura dos mercados agrícolas. E uma agenda, como destaca Vincent Garces, que “deve incorporar discussões recentes como as da privatização dos recursos hídricos e da exploração sustentável de recursos naturais em áreas de reforma agrária”. Um dos objetivos dessa nova agenda, acrescenta, é o de aprofundar os vínculos entre a reforma agrária, a questão do acesso aos recursos naturais e o tema da soberania alimentar. O resultado desse debate será apresentado na quinta edição do Fórum Social Mundial, em janeiro de 2005, em Porto Alegre.